

ESCRITURA E CULTURA EM *A HORA DA ESTRELA*, DE CLARICE LISPECTOR

WRITING AND CULTURE IN *THE HOUR OF THE STAR*, BY CLARICE LISPECTOR

Carlos Roberto Ludwig (UFRGS)

RESUMO: Esse ensaio analisa alguns aspectos da construção da obra *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, como elementos de cultura, marcas de leitura, oralidade e cultura de massa na obra. Assim também, analisa a escritura da obra através do olhar do narrador Rodrigo S. M. A representação da personagem feminina Macabéa se dá pela busca da escritura lapidar e racional no romance, como uma tentativa de construir uma escritura apropriada para a configuração dessa figura feminina apagada, opaca, cujo sofrimento instaura um espaço silente de dor. Além disso, serão analisadas referências intertextuais na obra.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Cultura. Intertextualidade. Escritura de *A Hora da Estrela*.

ABSTRACT: This essay analyzes some aspects of the construction of the novel *A Hora da Estrela* (The Hour of the Star), by Clarice Lispector, such as elements of culture, marks of reading, speaking, and mass culture in the work. Also, it analyzes the writing of the novel through the point of view of the narrator Rodrigo S. M. The representation of the female character Macabea is done by searching for the lapidary and rational writing, as an attempt to build up the appropriate writing for the configuration of such effaced, obfuscated, female figure, whose suffering establishes a silent space of pain. Besides that, it will be analyzed some intertextual references in the work.

KEYWORDS: Reading. Culture. Intertextuality. Writing of *The Hour of the Star*.

1. INTRODUÇÃO

Clarice Lispector, em sua última obra, *A Hora da Estrela* (1995), tematiza a escritura, a leitura e a cultura de uma forma bastante particular: através do olhar de um narrador masculino, Rodrigo S. M. Escrever é em si um ato de ver o mundo vazio, opaco e superficial de Macabéa. É através da escritura e da busca da palavra que o narrador se aproxima de uma figura feminina, frágil e ignorante de sua própria existência. A vida de Macabéa é explorada de forma lapidar, na tentativa de transcrever e recriar, através da palavra, sua essência, na tentativa de não poluí-la com uma linguagem empolada e sofisticada para conseguir demonstrar o que paira quase que imperceptível na sua figura, face e olhar ofuscado.

Nesse ensaio, pretendo analisar alguns aspectos de leitura, escritura, bem como alguns traços da cultura popular presentes na obra *A Hora da Estrela*. Tais traços configuram o universo feminino de Macabéa. Para tanto, investigarei alguns aspectos da escritura do narrador Rodrigo S. M., como sua tentativa de encontrar uma escrita apropriada para a representação dessa figura feminina apagada, opaca, cujo sofrimento instaura um espaço silente de dor. Em seguida, analisarei alguns traços de leitura e do leitor na obra, e principalmente traços da oralidade presentes na obra. Também

abordarei traços da cultura de massa da obra, simbolizados principalmente pela rádio relógio. Por fim, analisarei alguns elementos de intertextualidade presentes na obra *A Hora da Estrela*, como relações literárias, bíblicas e musicais.

2. A ESCRITURA DO NARRADOR RODRIGO S. M.

O romance *A Hora da Estrela* apresenta características peculiares no todo da obra de Clarice Lispector: a autora dá a voz a um narrador masculino. Clarice Lispector delega a escritura da obra a esse narrador, criado por ela, como uma das únicas formas de conseguir descrever e adentrar com frieza na opacidade de Macabéa. Ele afirma que “até o que escrevo um outro escreveria. Um outro escritor, sim, mas teria que ser homem porque escritora mulher pode lacrimejar piegas” (Lispector 1995: 28). A escritura do romance exige que um olhar masculino investigue a condição feminina de Macabéa para não cair em sentimentalismos e piedade. No entanto, o narrador se angustia, sente medo e se sensibiliza em relação à escritura da obra: “Com esta história vou me sensibilizar” (Lispector 1995: 30) e “E eis que fiquei receoso agora receoso quando pus palavras sobre a nordestina” (Lispector 1995: 33). Na verdade, o que atormenta o narrador é a palavra, que deve ser escolhida e lapidada para poder dar forma ao corpo incorpóreo de Macabéa. Ele afirma também que “Não, não é fácil escrever. É duro como quebrar pedras” (Lispector 1995: 33). Assim, a escritura da obra é simples, enxuta, seca a fim de poder representar a imagem de Macabéa. O narrador, porém, deve transcender suas angústias para poder escrever e representar a personagem.

A construção da personagem feminina Macabéa por um narrador masculino soa uma atitude irônica. Tal atitude soa irônica, pois, no contexto da cultura patriarcal a representação do feminino esteve, por muitos séculos, nas mãos de autores. Nesse sentido, Clarice Lispector instiga veladamente o leitor a pensar as representações literárias e a escritura sobre o outro como uma forma de supremacia. Além do mais, se a escritura deve ser seca e enxuta, bem como deve evitar sentimentalismos e pieguices, a escolha do narrador masculino se justifica. Contudo, tal escolha aponta para o binarismo masculino/feminino, que define o masculino como racional e o feminino emotivo. Então, quando o narrador afirma que vai se sensibilizar com a história de Macabéa, Clarice Lispector nega a lógica binária masculino/feminino, apresentando rupturas e contradições na voz do narrador Rodrigo S. M. Ao invés de um olhar frio e racional sobre a personagem feminina, o narrador revela aqui e ali que se sente comovido e se frente à miséria e à condição de Macabéa.

Nesse sentido, a escritura do romance é uma ação, a ação através da palavra. É uma ação que transforma que muda o narrador em outrem: “A ação desta história terá como resultado minha transfiguração em outrem e minha materialização enfim em objeto” (Lispector 1995: 35). O ato de escrever e a busca pela palavra transformam o sujeito, uma vez que ele é o único capaz de ver e sentir a presença de Macabéa no mundo. Num sentido mais profundo, Lacan (1998) assinala que nossa subjetividade está subjugada ao significante simbólico, que jaz no inconsciente (Lispector 1995: 14,34). Por isso, o narrador angustia-se na busca da palavra, como o sujeito que não consegue se desvencilhar do significante que subjaz inconscientemente em sua psique. Ele é transformado pela linguagem e pela escritura do romance.

A escrita da obra é vista como pintura também. O narrador afirma que “quero o figurativo assim como um pintor que só pintasse cores abstratas quisesse mostrar o que fazia por gosto, e não por não saber desenhar” (Lispector 1995: 37). Ele busca o retrato

da moça como forma de mostrá-la, muda, inerte, passiva frente ao mundo que a avassala e lhe atinge. Essa é outra tentativa de transcender como narrador que quer dominar a palavra. Ele busca no modelo da pintura um meio de representar e descrever sua personagem que lhe causa angústia.

Se por um lado Rodrigo é quem domina e lapida a palavra no romance, por outro, Macabéa é a datilógrafa que apenas copia letra por letra as palavras, sem entendê-las. Isso mostra, ironicamente, um vácuo entre a intelectualidade e a massa iletrada que não tem acesso à intelectualidade. É um paradoxo que ilumina o abismo entre grupos culturalmente privilegiados e outros completamente aquém da cultura e educação. Nesse sentido, o narrador também se identifica socialmente numa classe à margem da sociedade. Ele afirma que “Não tenho classe social, marginalizado que sou. A classe alta me tem como um monstro esquisito, a média com desconfiança de que eu possa desequilibrá-la, a classe baixa nunca vem a mim.” (Lispector 1995: 33). A afirmação do narrador denota uma postura de consciência social do escritor que enfrenta problemas em apresentar sua obra ao público, bem como se sensibiliza com a inacessibilidade social que exclui a grande massa de iletrados. Provavelmente, a angústia do narrador assinala identificação entre Rodrigo S. M. e Macabéa, pois ambos, num certo sentido, são e estão marginalizados de um grupo privilegiado.

Outra característica da escritura de Rodrigo S. M. é a busca pela ascese, ou seja, tentar abster-se de tudo para alcançar, na medida certa, a perfeição da palavra. Ele diz que se absteve de sexo, futebol, não lê mais nada para “não contaminar com luxo a simplicidade de minha linguagem” (Lispector 1995: 37). A ascese é uma prática que surgiu no cristianismo primitivo como uma tentativa de criar uma nova forma de vida e abster-se dos excessos mundanos na tentativa de elevação espiritual. (Brown 1995). O leitor certamente lembrará a observação freudiana, em suas *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise* (1915-1916, vol. XV), de que a frustração de ordem sexual e afetiva do sujeito leva-o à sublimação, a qual é projetada em construções artísticas e científicas. (Freud 2006: 393-411). A busca pela perfeição da palavra é, portanto, uma forma de conseguir captar a imagem feminina de Macabéa, que, ao contrário, seria apagada entre inúmeras imagens rebuscadas e empoladas. A simplicidade da personagem feminina impõe ao narrador a busca de uma linguagem simples e sem ornamentos. Ao encontrar essa linguagem, o narrador é também transformado pela simplicidade e abnegação.

3. TRAÇOS DE LEITURA, DO LEITOR E DE ORALIDADE EM *A HORA DA ESTRELA*

Na obra *A Hora da Estrela*, há alguns traços de leitura ou cenas de leitura. Por exemplo, nos vários títulos elencados pelo narrador, o título “História Lacrimogênica de Cordel” faz uma referência à literatura de cordel, aludindo justamente a um traço da literatura popular, típica da região de origem de Macabéa. O narrador remete a isso novamente: “Eu bem avisei que era literatura de cordel” (Lispector 1995: 48). Em outros momentos, faz meras alusões à literatura, em que afirma abster-se de qualquer leitura (Lispector 1995: 37), ou então menciona que está cansado de literatura: “Estou absolutamente cansado de literatura” (Lispector 1995: 88). Além disso, faz menção a apenas duas obras literárias. A primeira delas é a obra *Humilhados e Ofendidos*, de Dostoievski: “Mas um dia viu algo que por leve instante cobiçou: um livro que seu Raimundo, dado a literatura, deixara sobre a mesa. O título era “Humilhados e Ofendidos”. Ficou pensativa. Talvez tivesse pela primeira vez se definido numa classe

social.” (Lispector 1995: 56). Essa referência à literatura veicula tanto a condição social de Macabéa, como a inacessibilidade à cultura e à literatura. Ela apenas tem acesso à cultura através das referências parciais ao mundo artístico e cultural da Rádio Relógio. Em outra passagem, ela afirma: “– Você sabia que na Rádio Relógio disseram que um homem escreveu um livro chamado “Alice no País das Maravilhas” e que era também um matemático?” (Lispector 1995: 66). No entanto, o que se observa novamente é apenas a inacessibilidade da personagem a um mundo que desconhece, da mesma forma que seu trabalho no escritório é reproduzir o de um copista medieval. Além disso, a “Alice no País das Maravilhas” soa uma ironia do narrador, algo como “Macabéa na Cidade Maravilhosa”, na qual ela pensa viver uma vida feliz, mas ao contrário de Alice, sua vida se reduz ao mínimo de dignidade.

Outra referência é o hábito de Macabéa ir ao cinema uma vez por mês. Isso era o único entretenimento – além da Rádio Relógio – que a personagem afirmava desfrutar. O narrador afirma: “Macabéa gostava de filme de terror ou de musicais. Tinha predileção por mulher enforcada ou que levava tiro no coração.” (Lispector 1995: 76). O cinema, cultura de massa que atinge pessoas de todas as classes, era a única forma de cultura e de contato com o mundo artístico. Nesse sentido também, Macabéa tinha uma predileção por Marilyn Monroe. Mas a cultura e a literatura não chegavam a ela senão através de breves menções por meios limitados e supérfluos.

Quanto a Olímpico, ele tinha o talento de artista, mas não reconhecia essa sua capacidade: “Não sabia que era um artista: nas horas de folga esculpia figuras de santo e eram tão bonitas que ele não as vendia. Todos os detalhes ele punha e, sem faltar ao respeito, esculpia tudo do Menino Jesus.” (Lispector 1995: 62). Mais uma vez, a referência ao mundo artístico, da criação artística, assim como o mundo de Rodrigo S. M., aparece como referência à cultura, mas o personagem desconhece completamente sua aptidão, denotando um desconhecer a si mesmo, a distância entre o mundo artístico e a realidade das personagens.

O leitor é referido no romance sempre com o uso da segunda pessoa do plural, “vós”. Esse modo de o narrador abordar o leitor denota um tom de distanciamento, talvez até de ironia do autor, ao atribuir certa grandeza ao leitor. Ao se referir ao título “Quanto ao futuro.”, o narrador ironiza as possíveis atitudes do leitor: “Se em vez de ponto fosse seguido por reticências o título ficaria aberto a possíveis imaginações vossas, porventura até malsãs e sem piedade.” (Lispector 1995: 27). Desse modo, o leitor é abordado, chamado para o texto, lembrado de que deve estar envolvido com a história que está sendo contada.

Outro traço de leitura e cultura bastante marcante no texto são as referências à oralidade. Elas são muito mais numerosas do que as referências literárias e as menções das informações da Rádio Relógio. São sempre ditados populares que o narrador encaixa no texto para veicular algum tom moral ou de ensinamento. Por exemplo, Rodrigo relata a história que ouviu quando menino de um homem que queria atravessar um rio:

O velho aproveitou e disse:
– Me leva também? Eu bem montado nos teus ombros?
O moço consentiu e passada a travessia avisou-lhe:
– Já chegamos, agora pode descer.
Mas aí o velho respondeu muito sonso e sabido:

– Ah, essa não! É tão bom estar montado como estou que nunca mais vou sair de você!
Pois a datilógrafa não quer sair dos meus ombros. Logo eu que constato que a pobreza é feia e promíscua. (Lispector 1995: 36).

Esse breve relato do narrador mostra um tom de ensinamento, de descoberta: Macabéa “agarrou-se” ao autor persistentemente; na verdade, *ele* está preso à figura de Macabéa. Desse modo, o autor demonstra amor por ela, também através de um ditado popular: “Só eu, seu autor, a amo. Sofro por ela, e só eu é que posso dizer assim: ‘que é que você me pede chorando que eu não lhe dê cantando?’” (Lispector 1995: 42). Através desse ditado popular o narrador quer expressar ser o único que a entende e sofre por ela. A compaixão se torna um dos sentimentos que lhe possibilita entendê-la e penetrar em seu universo.

Olímpico também usa ditados populares para falar com Macabéa: “Você tem cara de quem comeu e não gostou” (Lispector 1995: 69). Esses ditados e provérbios são, em sua maioria, usados para repreender a nordestina de suas atitudes. Assim, são inúmeras as menções a provérbios e ditados populares que configuram a oralidade no romance e a transmissão de conhecimento do narrador ao leitor no universo e imaginário popular de Macabéa.

4. INTERTEXTUALIDADES NA OBRA *A HORA DA ESTRELA*

Os nomes das personagens principais da obra são referências históricas ou aludem a alguma condição almejada por elas. Macabéa faz alusão ao povo dos Macabeus, no *Livro dos Macabeus*, do Antigo Testamento. Trata-se de um povo que resistiu até o fim à invasão romana. O nome do personagem Olímpico faz referência ao Olimpo grego, como uma forma de denotar sua vontade de ascender socialmente, de ser um vencedor. Assim também, Glória tem uma conotação similar. Olímpico e Glória são os personagens que saem como que vencedores no final da narrativa. O nome do narrador, Rodrigo S. M., sugere as relações de gênero na obra. S. M. pode ser visto como a abreviatura comum nos dicionários para Substantivo Masculino, em oposição a feminino, representado na obra por Macabéa: excluída, inferiorizada, exercendo o mero papel de datilógrafa que não consegue transcender sua condição.

Outra referência intertextual é à música na obra. Na dedicatória do autor, Clarice menciona Beethoven, Bach, Stravinsky, Richard Strauss e outros músicos contemporâneos. Desse modo, a obra é constantemente permeada por música, som e ruído. O narrador anuncia:

Esqueci de dizer que tudo o que estou agora escrevendo é acompanhado pelo ruflar enfático de um tambor batido por um soldado. No instante mesmo em que eu começar a escrever a história – de súbito cessará o tambor.

Vejo a nordestina se olhando no espelho e – um ruflar de tambor – no espelho aparece o meu rosto cansado e barbudo. (Lispector 1995: 37)

As constantes referências à música são repetidas várias vezes em momentos cruciais na obra, para dar ao relato um tom de grandiosidade. Conforme afirma, “Pois na hora da morte a pessoa se torna brilhante estrela de cinema, é o instante de glória de

cada um e é quando como no canto coral se ouvem agudos sibilantes.” (Lispector 1995: 44). Nesse sentido, assim como o narrador busca a palavra na medida certa, usa a música como forma de embelezar a presença de Macabéa, de dar-lhe grandeza e tons de uma estrela de cinema. Há na obra inúmeras referências a trombetas, violinos, piano, o canto do galo, os ruídos apreciados por Macabéa. Rodrigo assinala novamente que “estou como que ouvindo acordes de piano alegre – será isso o símbolo de que a vida da moça iria ter um futuro esplendoroso? Estou contente com esta possibilidade e farei de tudo para que esta se torne real.” (Lispector 1995: 45). A música serve para denotar a leveza que Macabéa sentia pela vida, bem como a grandiosidade de sua história.

No momento do atropelamento, o narrador descreve a presença de um violinista tocando perto da rua em que Macabéa morreu. Talvez a similitude desse traço dessa obra de Clarice Lispector com a obra de Érico Veríssimo denote essa forte presença da música em *A Hora da Estrela*, assim como em inúmeros romances de Érico Veríssimo, como em *Solo de Clarineta* (Veríssimo 1974). A música soa com símbolo: “o violino é um aviso. Sei que quando eu morrer vou ouvir o violino do homem e pedirei música, música, música” (Lispector 1995: 101). A repetição de música ecoa a fala inicial de Orsino, na peça *Noite de Reis*, de William Shakespeare (2007). Nessa fala Orsino afirma que se a música é o alimento do amor, que deixem então a música tocar sem parar até a morte (Shakespeare 2007: 641).

Por fim, o narrador, assim como anuncia cada ação do romance com música, finaliza o romance com o silêncio. O silêncio pode ser lido como uma alusão à revelação, ao *Apocalipse*: Silêncio. / Se um dia Deus vier à terra haverá silêncio grande. / O silêncio é tal que nem o pensamento pensa. (Lispector 1995: 105).

Da mesma forma, o Apóstolo João faz referência aos trinta minutos de silêncio no céu antes da revelação: “E quando ele abriu o sétimo selo, houve no céu um silêncio por cerca de meia hora.” (*Apocalipse*: 1986, 8, 1). Aquela alusão do romance semelhante à do texto bíblico vem ao encontro das interpretações de que na obra de Clarice, em geral, há um momento de revelação das personagens, ou seja, o momento de epifania. Elas descobrem seu mundo interior, algo desconhecido e incompreendido por elas até então. Essa referência ao Apocalipse também já é questionada no início do romance: “Se antes da pré-pré-história já havia os monstros apocalípticos?” (Lispector: 1995: 25). Desde o princípio, o narrador já prenuncia traços de uma revelação futura, que se percebe também num dos possíveis títulos do romance: “Quanto ao futuro.” Assim, a revelação configura-se como um conhecer-se de Macabéa que entende, mesmo em seus últimos momentos de vida, sua condição frente a um mundo hostil.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível observar que na obra *A Hora da Estrela*, há algumas marcas de leitura, escritura, cultura, gênero, oralidade e intertextualidade. O que predomina na obra são marcas de oralidade, escritura e cultura. Já as marcas de leitura são menos recorrentes, mas aparecem, sobretudo, para demonstrar a distância entre o mundo letrado e a as grandes massas. As cenas de leitura não são muito comuns, mas as marcas de oralidade e de cultura de massa são mais marcantes. Além disso, algumas marcas de intertextualidade aparecem, sobretudo, as referentes à música e à Bíblia.

Foi importante notar também que a escritura do narrador Rodrigo S. M. é sempre permeada pela preocupação de encontrar a palavra exata, seca e sem floreios a fim de melhor representar o universo feminino da nordestina Macabéa. Temos, nesse romance,

portanto, o olhar de um narrador masculino que tenta perscrutar a consciência e os sentimentos de uma personagem feminina que sofre com sua condição, no entanto sem se dar conta de sua miséria e ignorância. As tentativas de Rodrigo analisar Macabéa são permeadas pelo desejo de alcançar uma grandiosidade que, mesmo que a nordestina não tenha, lhe é digna, já que ela acredita piamente viver uma vida feliz e, ao tomar consciência de sua condição miserável, crê que terá um futuro grandioso e brilhante. Mas o que ela não sabe e não espera é que a fatalidade da vida também reserva seus desencantos.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROWN, Peter. *Le renoncement à la chair : virginité, célibat et continence dans le christianisme primitif*. Traduzido por Pierre-Emmanuel Dauzat et Christian Jacob. Paris: Edições Gallimard, 1995.

Bíblia sagrada. Tradução José Ferreira de Almeida. São Paulo: Vozes, 1986.

DOSTOIÉVSKI Fiódor M. *Humilhados e Ofendidos*. Tradução Klara Gourianova. São Paulo: Nova Alexandria, 2004.

FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. XV

LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*. 23^a. edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

SHAKESPEARE, William. *Complete Works*. Londres: Wordsworth Editions: 2007.

VERÍSSIMO, Érico. *Solo de Clarineta: memórias*. Porto Alegre: Editora Globo, 1974.

Artigo recebido em 17 de junho de 2011 e aprovado em 20 de julho de 2011.